

JORNAL: O GLOBO LOCAL: _____

DATA: 19/5/86 AUTOR: _____

TÍTULO: _____

ASSUNTO: NA H. STERN, RETOMADA DO DIÁLOGO

CONTINENTAL

6 • SEGUNDO CADERNO

Segunda-feira, 19/5/86 O GLOBO

ARTES PLÁSTICAS

FREDERICO MORAIS

Na H. Stern, retomada do diálogo continental

Em 1963, a Galeria Bonino realizou uma exposição que iria marcar época no Rio. Nela estavam reunidos Luiz Felipe Noé, Rômulo Macció, Jorge de la Vega e Ernesto Deira, que integravam o grupo argentino "Otra Figuración". Os jovens artistas cariocas que iam explodir, dois anos depois, em "Opinião 65", sentiram-se fortemente estimulados diante do impacto dessa nova figuração argentina, que acrescentava à pop um caráter fortemente crítico.

"Os argentinos influenciaram muito nosso pensamento — conta Rubens Gerchman — pela liberdade que eles punham em seus trabalhos. O Noé, que eu iria conhecer mais tarde num simpósio em Nova York, me impressionou muito. Eu gostava dele, porque era um "sujão" e eu sempre fui acusado, até por meus colegas, de ser também um "sujão".

O Rio tem hoje acervo excelente de latino-americanos

Para Antonio Dias, "a mostra da Sonino foi mais que um choque, foi uma alegria. Noé tinha uma coisa primitiva e agressiva que eu gostava demais. Jorge de la Vega punha uma certa violência, juntava materiais, o que me interessava muito". Vergara também, como se viu recentemente na remontagem parcial de "Opinião 65", punha nas suas telas, então muito críticas, uma agressividade que o aproximava dos argentinos.

Dez anos antes, isto é, em 1953, o Museu de Arte Moderna do Rio recebia uma outra exposição argentina, cuja repercussão foi igualmente grande. A mostra, que seria depois apresentada no "Stedelijk Museum", de Amsterdan, reunia integrantes do Grupo "Concreto-Invenção" (1946), Tomás Maldonado e sua mulher Lidy Pratti, os irmãos Claudio Girola e Enio Iommi, Alfredo Hlito, e mais três artistas geométricos, um pouco mais líricos e menos dogmáticos que os primei-



Nas enormes telas do chileno Roberto Matta, um grafismo ácido para tratar o erotismo

ros concretistas: o casal Fernandes Muro e Sarah Grilo e Miguel Ocampo. A mostra era apresentada em catálogo por Jorge Romero Brest que faria no Brasil uma série de conferências defendendo a geometria como "um instrumento de ordenação das emoções". Os jovens artistas cariocas que um ano depois, sob a liderança de Ivan Serpa, iriam constituir o Grupo Frente (1954/56) base do futuro neoconcretismo, ficaram entusiasmados com os argentinos. Décio Vieira recorda-se que futuros "frentistas" deram assistência total aos argentinos no Rio, discutindo seu trabalho nas reuniões que realizavam, ao mesmo tempo que mostrava seus trabalhos a Ocampo e Maldonado. Este, ainda segundo o depoimento de Décio Vieira, "nos pareceu uma pessoa brilhante. Falava muito bem, era um professor nato, um teórico. Sua influência sobre nós foi muito grande". A mesma opinião tem João José da Costa, atualmente exposto na

Galeria Saramenha.

O fato de que a Galeria Bonino tinha sua matriz em Buenos Aires ajudou muito este intercâmbio entre os dois países. Outro galerista que sempre revelou interesse pela arte latino-americana é Jean Boghici e, mais recentemente, a Galeria Thomas Cohn retoma o diálogo levando brasileiros a expor no Centro de Arte y Comunicación de Buenos Aires e trazendo para expor, no Rio, jovens integrantes da "Nova Imagem", como o excelente Kuitca. E enquanto o Museu de Arte Moderna de São Paulo expõe, neste momento, um outro grupo jovem argentino, "Babel", tivemos nas duas capitais, este ano, mostras abrangentes de arte colombiana e gráfica mexicana. Tudo indica, portanto, que o diálogo entre os países do Continente começa a ser retomado, o que é ótimo. Afinal, vínhamos de dois sérios revezes nesse intercâmbio com o lamentável incêndio do Museu de Arte Moderna, em 1978, no qual se queimou além do



As figuras gordas do colombiano Botero

Dois revezes com o fogo no MAM em 78 e o fim das bienais

acervo do próprio museu, toda a exposição América Latina: Geometria Sensível e, nela, 80 obras da fase construtiva de Joaquim Torres Garcia, e o fim prematuro da Bienal Latino-Americana de São Paulo.

Hoje, às 21 horas, no museu-auditório da H. Stern (Rua Visconde de Pirajá, 490, 3º andar) será inaugurada a mostra "Soy loco por ti América, América", reunindo obras de 42 artistas de 12 países do Continente. São eles: Antonio Berni, Ernesto Deira, Lúcio Fontana, Raquel Forner, Sarah Grilo, Enio Iommi, Guilherme Kuitca, Romulo Macció, Fernandes Muro, Luiz Felipe Noé, Miguel Ocampo, Alicia Penalba, Emilio Pettorutt, Alfredo Prior, Armando Rearte, Antonio Seguí, Clorindo Testa, Jorge de la Vega, Jacques Bedel, argentinos; Oscar Pantoja, boliviano; Ernesto Barreda, Nemésio Antunes e Roberto Matta, chilenos; Omar Rayo, Edgar Negret, Eduardo Ramirez Villamizar, Antonio Caro e Fernando Botero, co-

lombianos; René Portocarrero, cubano; Rodolfo Abularach, guatemalteco; Préfect Defaut, haitiano; José Luis Cuevas, Rufino Tamayo, David Siqueiros, Diego Rivera e Sebastian, mexicanos; Jorge Corea, nicaraguense; Fernando Szyszlo, peruano; Juan Ventayol, Torres-Garcia, José Gamarra, Manuel Pailós, Pedro Figari, uruguaios; e finalmente Jesus Soto e Carlos Cruz-Diez, venezuelanos. Como se vê, todas as principais tendências e correntes da arte latino-americana neste século estão representadas na mostra a ser inaugurada logo mais: muralismo mexicano, concretismo, cinetismo, geometrismo, nova figuração, nova imagem, realismo fantástico, arte conceitual, enfim, do Universalismo Construtivo de Torres-Garcia à arte haive do Haiti. Presentes, também, quase todos os nomes de destaque da arte na América Latina. Cabe realçar especialmente as obras dos neofigurativos e concretos argentinos, bem como as de Torres-Garcia por seu caráter histórico.

As pesquisas que antecederam a realização dessa mostra comprovam que o Rio de Janeiro possui, hoje, um excepcional acervo de arte latino-americana distribuída em coleções particulares, nas galerias de arte e também no Museu de Arte Moderna do Rio, apesar do baque sofrido com o incêndio de 1978. Houvesse mais espaço e tempo e se poderia realizar uma excepcional mostra de arte da América Latina, pois nem metade das obras, algumas excepcionais, estará sendo mostrada. A hipótese de se juntar também o acervo existente em São Paulo, especialmente no Museu de Arte Contemporânea, permitiria traçar todo o percurso da arte latino-americana numa única exposição.

A mostra de H. Stern tem, entre outros méritos, este: revelar a potencialidade de um acervo praticamente desconhecido do público. E apesar de modesta, está acompanhada de catálogo, verbetes sobre cada artista, publicações e um ciclo de três conferências sobre o tema, que se desenvolverá de amanhã a quinta-feira, sempre às 20h.